

A INFLUENCIA DAS CIDADES-JARDINS NO PLANO DE BRASÍLIA

BLANCK, Priscila.¹
PAINI, Amanda.²
CONZAGA, Caruline.³
COSTA, Luana.⁴
ANJOS, Marcelo.⁵

RESUMO

A capital Brasília apresenta como princípio básico a setorização urbana por atividades determinadas. A cidade é famosa por possuir seus dois eixos monumentais, o de Leste a Oeste, e o Eixo Rodoviário-Residencial, que vai de Norte a Sul e é cortado transversalmente pelas vias locais, ao longo do Eixo Residencial estão as superquadras, conjunto de quatro quadras de 280m x 280m envolvidas por uma densa vegetação e ocupadas por edifícios lineares de seis pavimentos sobre pilotis, formando uma “vizinha” servida de infraestrutura de serviços e comércio para a comunidade. O fato de Brasília ser inteiramente planejada, busca-se uma maneira de fazer ligações entre a cidade e natureza, destacando o processo de urbanização, que em sua expansão desordenada, assim, a cidade de Brasília consolida sua concepção urbanística de forma que influenciou o processo de formação de aglomerado urbano. trazem alguns problemas, dessa forma, os conceitos pregados por Howard, busca retardar esse processo e ainda aliar questões de qualidade de vida que estão ligadas ao campo e natureza. Ao fim desse trabalho, após observação da formação e evolução urbana da cidade, destaca-se que o grande legado do desenvolvimento de seu planejado, seriam as superquadras, uma herança clara deixa pelos preceitos de uma cidade-jardim.

PALAVRAS-CHAVE: Brasília, Superquadra, Cidade-Jardim, Planejamento, Urbanismo.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho busca fazer uma reflexão da importância e da influência que as cidades-jardins tiveram na concepção da capital federal, afim de fazer-se uma ponte com o planejamento urbano da cidade, que ganha destaque no quadro de um urbanismo ideal. A cidade de Brasília é um exemplo de espaços públicos urbanos, ostentando um planejamento de qualidade. O projeto do Plano Piloto da cidade, que segundo o *site* do CAU (2016), foi projetada nos eixos, em forma de sinal da cruz, adaptando-se a topografia e inspiradas nas cidades-jardins, do arquiteto Le Corbusier. Uma ideia revolucionária que sem dúvidas marcaria para sempre a história do urbanismo, Lúcio Costa, agradeceu pelo conceito inovador de cidade horizontalizada.

Uma ideia revolucionária, que marcaria para sempre a história do urbanismo, ousada, pioneira, mas ao mesmo tempo de uma simplicidade surpreendente, o projeto do arquiteto e urbanista Lucio Costa, que derrotou outros 25 perante um júri internacional, em março de 1957, não

¹Priscila Laís Blanck. E-mail: priscila_lais@hotmail.com

²Amanda Paini. E-mail: amandaa.paini@hotmail.com

³Caruline Daieli Conzaga. E-mail: carulinegonzaga@hotmail.com

⁴Luana Thaís Cechim da Costa. E-mail: lubbcosta@hotmail.com

⁵Marcelo Franca dos Anjos. E-mail: anjos@fag.edu.br

era apenas o traçado de uma cidade voltada para a administração pública e que expressava "a grandeza de uma vontade nacional", como determinava o edital do concurso. Ele sugeria uma nova concepção de vida, baseada no resgate de valores essenciais ao bem-estar coletivo, uma cidade-parque em que homem e natureza convivessem de forma harmoniosa e em que os laços comunitários fossem fortalecidos.

Dessa forma, o trabalho tem por objetivos fazer uma conexão com as cidades-jardins e a cidade de Brasília, através de análises bibliográficas, apresentar os benefícios e os desafios de promover uma cidade-jardim e expor a importância da integração do urbanismo e natureza. O artigo tem como justificativa, o fato da cidade de Brasília ter sido totalmente planejada, a qualidade de vida e o bom funcionamento da cidade são imprescindíveis. Dessa forma, os conceitos das cidades-jardim de Ebenezer Howard foram adotados, com intuito de formar a cidade.

Sendo assim, o problema da pesquisa pode ser arquitetado diante do seguinte questionamento:
- *Qual a relação entre o urbanismo de Brasília com os conceitos da cidade-jardim?* Diante disso, foi elaborada uma cidade visando a organização por setores, privilegiando a mobilidade urbana e grandes áreas verdes abertas de uso comum que ajudariam a insalubridade e reduzindo a população.

Com a urbanização excessiva, grandes mudanças ocorreram, como problemas relacionados a espaço e moradia, difundindo o desenvolvimento da produção do espaço urbano, causando complicações de infraestrutura, problemas de congestionamento e tráfego, aumento da poluição, do desmatamento, da violência e da degradação do meio ambiente. Desse modo, as cidades-jardins, com o conceito fundamentado entre cidade e natureza pode priorizar o desenvolvimento sustentável e a educação ambiental, buscando propor melhores qualidades de vida. A maioria das cidades cresceram sem nenhuma infraestrutura, já o planejamento de Lúcio Costa, assume a implantação dos conceitos da cidade-jardim na capital federal, fazendo relação com possíveis aglomerados urbanos.

Desse modo, é necessário refletir e expor questões em torno da relação cidade e natureza, afim de minimizar os efeitos colaterais da urbanização dos territórios, trazendo a possibilidade de um urbanismo ecológico, aliado ao planejamento das cidades.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (2016), o Brasil, já imaginava transferir a capital para o interior, com a intenção de ocupar o vasto território até então inexplorado. Isso se tornou motivo de vários debates, até ser definido na primeira Constituição da República, que a capital deveria ser construída no Planalto Central. Brasília é baseada pela sua arquitetura, pois a natureza de sua topografia é um vasto planalto de vegetação seca. Brasília é uma cidade totalmente a frente do seu tempo, inaugurada em 21 de abril de 1960, na posse do presidente Juscelino Kubitschek.

Com o projeto de autoria de Lúcio Costa e o arquitetônico de Oscar Niemeyer, nascia então Brasília, A capital brasileira, conforme o *site* Conheça Brasília (2016), é um monumento a céu aberto e é considerada Patrimônio Cultural da Humanidade. Segundo fontes do IBGE (2015), a cidade possui 2.914.830 mil habitantes e IDH (2010) em 0,824, considerado um índice alto.

Segundo Paviani *et al.* (1985), já havia necessidade de uma nova capital para o país, com intuito de apagar os vestígios e símbolos deixados pela dominação portuguesa, tornar o Brasil um país unificado e por ultimo, por questões estratégicas e de defesa, retirar a sede no Rio de Janeiro e então passar para o planalto central, priorizando serviços públicos, tornando a nova capital como um instrumento ideológico capaz de criar, junto às massas, um espírito de identidade nacional, assim, impulsionar o crescimento e desenvolvimento da região Centro-Oeste, através da introdução de novas tecnologias. A construção de Brasília, constitui-se num passo lógico dentro do processo da política territorial e Estatal.

Vale ressaltar, que segundo Paviani *et al.* (1985), os fundamentos das políticas urbano-territoriais, foram de suma importância na implantação de Brasília, fazendo parte do contexto histórico e político nos quais as concepções territoriais de planejamento emergiram dentro do quadro de da formação brasileira. Nos anos 50, no quadro político, o Estado assume um papel importante de investidor nos setores de infraestrutura e bens intermediários, caracterizando um modelo visto como capaz de ampliar o controle da economia nacional, através do Estado e do setor privado, impulsionando o *Plano de Metas* 1956-1961, um ambicioso programa setorial, com bases nos investimentos públicos e privados nas áreas de infraestrutura, indústrias e bens de consumo duráveis, complementando assim, a construção da nova Capital, Brasília.

Brasília foi inaugurada em 1960 pelo presidente da república Juscelino Kubitschek, segundo Paviani *et al.* (1985), a construção da nova capital, baseada com as ideias de Le Corbusier, Niemeyer e Lúcio Costa, marca a mecanização da ligação dos automóveis e a separação espacial, impulsionando assim o desenvolvimento urbano, que a partir de então, o Estado deveria assumir seu

papel, na projeção de decisões do planejamento de Brasília, mesmo com a implementação dos planos de Niemeyer e Lúcio Costa.

De acordo com Pavini *et al.* (1985), Lúcio Costa, tinha a ambição de por em prática todas as recomendações contidas na Carta de Atenas, tendo o documento como base para a criação do Plano Piloto, como consequência assim uma cidade integralmente projetada, concretizando a frase do então presidente Juscelino Kubitschek: “... o que for de arquitetura é o Oscar que delibera; de urbanismo é o Lúcio... Fora daí nada de interferência”. Assim, as “chaves do urbanismo”, ou seja, as quatro funções básicas (habitar, trabalhar, recrear-se, circular), foram levadas ao pé da letra. “Vias” exclusivas para carros, figura 1, que fazem parte de um sistema de circulação hierarquizado nos moldes considerados os melhores do ponto de vista da sua eficácia operacional. Zoneamento e ordem racional do território, princípios de interesses coletivos, bem estar e beleza da natureza. Toda e qualquer manifestação de individualidade, para Lúcio Costa, deveria ser diminuída ao mínimo, minimizando toda e qualquer interferência que possa por em risco a “harmonia” e o “equilíbrio”, desse ponto, a proposta de rodear todas as superquadras, figura 2, com uma densa cortina de vegetação.

Figura 1 – Faixa exclusiva de trânsito



Fonte: Agencia de Brasília (2015)

Figura 2 – Áreas livres da superquadra



Fonte: Arcoweb (2016)

2.1 AS CIDADES-JARDINS

Segundo, Saboya (2008), Ebenezer Howard, foi o grande precursor das cidades-jardins, baseada nas péssimas condições de vida da cidade liberal, em 1898, sugeriu uma alternativa aos problemas urbanos. Segundo o próprio autor, esse ápice se deu na causa da migração proveniente do campo. Essas cidades eram precárias em vários quesitos, como, afastamento da natureza, distancias do trabalho, ares poluídos e concentração de cortiços. A chave para a situação seria reunir, o espaço da socialização, da cooperação e das oportunidades de emprego aliados os conceitos do campo, o espaço da natureza e do sol. Andrade (2003), ressalta que essa proposta urbanística tem como objetivo buscar um equilíbrio entre o crescimento econômico e os problemas sociais integrados ao desenho da paisagem. Conforme Andrade (2003), a visão da cidade-jardim, é uma tentativa de resolver os problemas de insalubridade, pobreza e poluição nas cidades por meio de desenho urbano que tivesse uma relação com o campo e a natureza.

Saboya (2008), explica que a cidade veria ser desenhada, figura 3, com áreas as cidades e áreas destinadas a agricultura, sendo compostas de cruzamentos que ligam todas as partes da cidade, assim, dividindo-a em seis partes iguais, prevendo no projeto belos jardins, sendo situados na região periférica edifícios públicos e culturais (teatro, biblioteca, museu, galeria de arte) e hospitais. No restante desse espaço central seriam parques públicos com áreas de recreação e fácil acesso.

Figura 3 – Esquema da Cidade-Jardim



Fonte: Urbanidades (2008)

Ao redor de todo o Parque Central, de acordo com Saboya (2008), estaria localizado o “Palácio de Cristal”, destinando-se a abrigar as atividades do comércio e estabelecer num jardim de inverno, onde os habitantes poderiam passear ao abrigo da chuva e contemplar a paisagem. As casas estariam ocupando lotes amplos e independentes, lotes comuns com 6,1 por 40 m, com a população estimada em 30.000 habitantes. Uma grande avenida divide a cidade em duas partes, constituída de parques e escolas públicas. No anel externo os armazéns, mercados, carroviarias, hoje, também indústrias, todos diante à via férrea que circula a cidade, dessa maneira, facilitando o escoamento da produção e recebimento de mercadorias, evitando a circulação do tráfego pesado pelas ruas centrais.

Andrade (2003), afirma que o pensamento de Howard funciona como uma estratégia de planejamento regional para evitar o fluxo migratório, tendo em vista, cidades organizadas e interligadas por um sistema de transporte público eficiente, formadas juntamente com cinturões verdes, que absorveriam a poluição urbana.

Atualmente, segundo Andrade (2003), a mistura de atividades rurais e urbanas, com fluxos de gente, produção industrial e agrícola, de capital, de recursos naturais, são vistas pelo planejamento regional dos países ricos como uma estratégia importante nos processos de troca e oportunidades.

Em 1903, de acordo com Andrade (2003), a “Primeira Cidade-Jardim Ltda” foi registrada na cidade de Letchworth, na Inglaterra, projetada com traçado simples, claro e informal, com um centro urbano elevado composto por vegetações de porte e edifícios municipais. Para Wolff (2001), a cidade influenciou a periferia como forma de ocupação, que integravam arquitetura e natureza, além de incentivar pesquisas de habitação social na Europa do entre guerras, provindo na busca por

moradias dignas, mas com baixo custo. Este modelo foi, e ainda é, amplamente aplicado no contexto norte-americano.

Enfrain (2009), explica que o sucesso desse modelo urbano está pautado em referências como: ruas sinuosas e arborizadas, integração entre edificações e jardins, acomodações naturais. Assim, Hall (2002), explica que iniciaram-se questões do desenvolvimento do planejamento, com a ideia de que tanto na cidade quanto no terreno, é importante evitar-se a separação total das diferenças classes de pessoas.

2.2 A CIDADE E A NATUREZA

Marcondes (1999), ressalta que a partir do Renascimento, vincula-se a imagem da natureza às preocupações sociais nos modelos de cidades ideais, com a incorporação preconizada de elementos naturais. A evocação da ideia de natureza na construção dos modelos ideais de cidade foi amplamente enfatizada durante o Iluminismo. Dessa forma, as possibilidades de aplicação prática que permaneceram em relação a natureza e urbanismo devem ser objetivo de reflexão. Hoje, precisa-se enxergar que a natureza não está mais nos muros das cidades, assim a natureza faz parte do espaço da cidade.

Com os grandes problemas relacionados ao crescimento das cidades, segundo, Hassler (2006), houve uma diminuição das áreas verdes, o que também impactou na qualidade de vida. As áreas verdes possuem uma série de benefícios e funções referente à amenização climática, essas áreas também contribuem para o adensamento populacional que faz com que a maioria das edificações permaneça muito próxima às vias de circulação e outros elementos geradores de ruídos, como fábricas e bares, por exemplo. A vegetação também cria ambientes esteticamente saudáveis e valorizam áreas degradadas. As áreas verdes, nada mais são, que segundo o Ministério do Meio Ambiente, são consideradas como o conjunto de áreas intraurbanas que apresentam cobertura vegetal, seja arbórea, arbustiva ou rasteira, cujo contribuem de modo significativo para o equilíbrio ambiental e na qualidade de vida nas cidades. Com intuito de pôr em prática os preceitos de Brasília, as áreas verdes, Filho (2001) complementa citando que as áreas verdes se destacam por cumprir um papel social harmonizante entre as diferentes camadas da população, pela existência de parques e praças públicas incorporando em seus ambientes os mais diversos tipos de pessoas, de diversas faixas etárias, religiões e níveis socioculturais.

Romero (2001), cita que Lúcio Costa para o projeto do Plano Piloto, utilizou a técnica paisagística de parques e jardins como elemento essencial do tratamento arquitetônico em Brasília, aliados a combinação de rotas de pedestres, acessos exclusivos ao tráfego veicular e ruas principais que afetam e devem estar diretamente ligados a um layout urbano eficiente.

De acordo com Lima (2010), a capital federal ainda consegue sustentar o conceito de uma cidade verde, Brasília ainda, possui o maior índice de área verde por habitante. No entanto, com o processo de crescente urbanização, foi inevitável a perda de algumas áreas de vegetações, fruto de políticas, interesses governamentais e aumento de atividades especulativas, o que não colaborou para a variante ambiental como pauta principal em suas decisões.

Segundo Lima (2010), ainda assim, a cidade conta com muitas matas ciliares, áreas de preservação permanente, muitos corredores ecológicos fundamentais para a vida ambiental. Pode-se destacar, conforme, Gimenez (20016), que as áreas que compartilham espaços verdes e coletivos previstos nas superquadras, os “*greenbelts*”envoltórios podem se mostrar também nas áreas naturais centrais da cidade, também sendo compactas e eficientes, dessa forma, essa inversão pode contribuir para maiores parcelas da população, fazendo uma soma de locais e abrangendo também o sistema viário.

3. METODOLOGIA

Segundo Cervo e Bervian (2007), o método científico quer descobrir a realidade dos fatos e esses ao serem descobertos devem, por sua vez, guiar o uso do método. Entretanto, como já foi dito, o método é apenas um meio de acesso; só a inteligência e a reflexão descobrem o que os fatos e os fenômenos realmente são. O método científico segue o caminho da dúvida sistemática metódica, que não se confunde com a dúvida universal dos céticos, que é impossível. O cientista, sempre que lhe falta a evidência como arrimo, precisa questionar e interrogar a realidade.

A metodologia adotada será a coleta de dados em bibliografias, artigos, *internet*, analisando conceitos básicos e correlatos. A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Busca conhecer e analisar as contribuições culturais e científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se buscam o domínio do *estado da arte* sobre determinado tema (CERVO e BERVIAN, 2007). Já a análise de dados, segundo Lakatos e Marconi (2003) consiste na

tentativa de evidenciar as relações existentes entre o dado estudado e outros fatores. Na análise, o pesquisador entra em mais detalhes sobre os dados recolhidos através do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas perguntas, procurando estabelecer as relações necessárias entre os dados adquiridos.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Brasília é sem dúvidas nenhuma uma cidade rara, seus contornos urbanos marcados por Lucio Costa, sua arquitetura marcante projetada por Oscar Niemeyer, além disso é uma cidade inovadora em conceitos urbanísticos. O projeto de Brasília destaca a setorização urbana por atividades e uma técnica rodoviária que elimina cruzamentos, fazendo assim, com que a cidade gire em torno de dois eixos, o Eixo Monumental, que vai de Leste a Oeste, e o Eixo Rodoviário-Residencial, que vai de Norte a Sul e é cortado transversalmente pelas vias locais.

O urbanista, ofereceu uma gama de implantação de onze edifícios altos com seis andares sobre pilotis, as superquadras, figura 4, residências seriam intercaladas com as entre quadras e um cinturão verde. A cada quatro quadras são formadas uma superquadra, todas compostas por equipamentos básicos de serviços e comércio. Segundo o *site* do IPHAN (2015), a estruturação de cada superquadra se organizaria em um pátio interno, rodeado de árvores e parquinhos, sendo como um imenso quintal, compartilhado por todos.

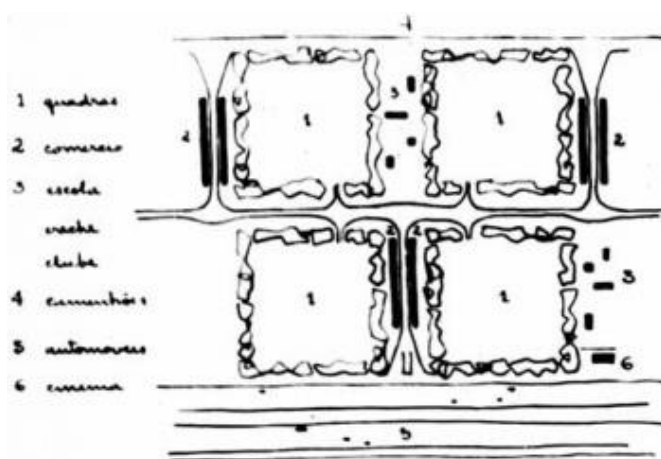
Figura 4 – Vista aérea das superquadras



Fonte: CAU / BR (2016)

As superquadras de Brasília, conforme a figura 5, de acordo com o Jornal Correio Brasiliense medem 280m X 280m cada uma, se destacam pelo amplo espaço aberto público, espaços abertos no interior e entorno das quadras. Segundo o próprio projetista da cidade Lucio Costa, as quadras deveriam ser cercadas de árvores, que deveria ser um passeio agradável para o pedestre. Lucio Costa, deixava claro, a importância do verde, do gramado, para uso de todos, como se fosse um tapete verde, como forma de encaminhamentos naturais e uso de lazer.

FIGURA 5 – Croqui das superquadras por Lúcio Costa



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Machado (2007), afirma que Brasília, enquanto tendência estética, remete a uma cidade ideal para seus moradores, o desenvolvimento do Plano Piloto buscava combinar a cidade moderna com a natureza. Todo traçado das ruas da cidade obedece ao Plano Piloto, sendo a cidade separada por dois eixos, o Monumental e o Rodoviário, criando um zoneamento funcional, separando as funções na cidade. Braga (2010), destaca que, a cidade é planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, num foco de cultura dos mais lúcidos sensíveis do país, sendo de suma importância do projeto, como adoção de novas tecnologias – de pouco consumo de energia – e a satisfação de necessidades urbanas no processo evolutivo.

Gimenez (2016), explica que a superquadra desempenha um papel decisivo na construção morfológica urbana de Brasília, constituindo um propósito funcional, de ordem e relação entre as

edificações, sendo muito eficaz no planejamento urbano. Isso é possível pois, a superquadra corresponde uma dimensão intermediária entre a cidade e o edifício, algo único, no entanto, estruturado e reproduzível, em que a arquitetura e urbanismo moderno andam de mãos dadas, intervindo nos dois caminhos.

Segundo Gimenez (2016), essa analogia, facilita a interpretação do urbanismo moderno com o mecanismo dos conceitos conhecidos das ideias das cidades-jardins, sendo atemporais e possibilitando se adequar conforme as demandas de cada época, para assim, construir cidades mais juntas e com condições mais igualitárias. Dessa forma, fica claro a influência das superquadras na proposta urbana moderna, entendendo-a como um conceito de unidade de vizinhança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisado ao longo do estudo, o trabalho buscou fazer uma ponte com o urbanismo da cidade de Brasília e a influência que as cidades-jardins trouxeram em seu planejamento. Brasília se destaca por ser uma cidade integralmente planejada, em virtude disso, o projeto do Plano Piloto prova a forma minuciosa como Lúcio Costa concebeu a capital do Brasil, seus marcos principais foram, os eixos, em forma de sinal da cruz, levando em consideração toda topografia do local, a grandeza nacional, importando-se com os valores essenciais do bem-estar coletivo, fato que marcou para sempre o urbanismo moderno.

Fazendo uma relação com as cidades-jardins, observou-se a grande preocupação em Brasília ser uma cidade parque, que priorizasse as relações homem e natureza de forma harmoniosa. Sendo assim, através de referências bibliográficas, apresentou-se os benefícios e os desafios dos conceitos da cidade-jardim, diante disso, Brasília foi concebida como uma cidade que visou a organização por setores, privilegiando a mobilidade urbana e grandes áreas verdes abertas de uso comum que ajudariam a insalubridade e reduzindo a população.

Constatou-se que com a urbanização excessiva, grandes mudanças ocorreram, como problemas relacionados a espaço, causando complicações de infraestrutura, problemas de congestionamento e tráfego, aumento da poluição, do desmatamento e da degradação do meio ambiente. Dessa forma uma maneira de buscar a reestruturação do espaço, com intenção de melhorar a qualidade de vida da população e da infraestrutura urbana, seria os preceitos das cidades-jardins, como, áreas verdes, ruas maiores, integração entre espaço construído e vegetação.

Hoje, pode-se concluir que os ideais das cidades-jardins, também podem contribuir para cidades com conceitos sustentáveis e com preocupações ambientais, fazendo relação com o desafio de encontrar tentativas de transformar cidades, em espaços de melhores condições para a vivência humana.

Brasília é uma das realizações mais planas dos princípios do urbanismo, sendo considerada uma “Bíblia” dos arquitetos a partir dos anos 40, e, de fato a nova capital do Brasil foi concebida como expressão exaltada daquilo que muitos pensam ser a organização racional dos espaços e da vida urbana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L, M, S, d. **O Conceito de Cidades Jardins:** uma adaptação para cidades sustentáveis. Acesso em 15 de set. 2016.

BRAGA, M. **O Concurso de Brasília.** São Paulo: Casc & Naify, 2010.

CAU – BR. Plano Piloto de Brasília. Disponível em <<http://arquiteturaurbanismotodos.org.br/plano-piloto/>> Acesso em 08 de jun. 2016.

CERVO, A; SILVA, R; BERVIAN, P. **Metodologia Científica.**São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2006.

Conheça Brasília. Disponível em <<http://www.conhecabrasilia.com.br/sobre/index.html>> Acesso em 26 de ago. 2016.

EFRAIM, P, C. **O Conceito de Cidade Jardim.** Disponível em <<https://ricardotrevisan.com/2009/09/10/o-conceito-cidade-jardim/>> Acesso em 15 de set. 2016.

FILHO, J, A, L. **Paisagismo:** princípios básicos. Viçosa: UFV, 2001.

GIMENEZ, E, L. **Cidade Moderna e Superquadra.** São Paulo, 2016.

HALL, P. **Cidades do Amanhã.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

HASSLER, M, L. **A Natureza na Cidade:** uma abordagem a partir da percepção da população acerca do Jardim Botânico de Curitiba (PR). Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9250/5694>> Acesso em 15 de set. 2016.

IBGE. Disponível em
<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=530010&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>> Acesso em 26 de ago. 2016.

IPHAN. Disponível em <
http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/cartilha%E2%80%93unidade_vizinhanca%CC%A7a-digital.pdf> acesso em 13 de ago. 2016

LIMA, J. R. **Brasília, 50 Anos Preservados.** Disponível em <
<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/cpmod.php?id=62859>> Acesso em 15 de set. 2016.

MACHADO, M, P. **Superquadra: Pensamento e Prática Urbanística.** 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília.

MARCONDES, M. **Cidade e Natureza: proteção dos mananciais e exclusão social.** São Paulo: Edusp, 1999.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Áreas Verdes.** Disponível em <
<http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/item/8051>> Acesso em 02 de ago. 2016.

Paviani, A. **Brasília Ideologia e Realidade Espaço Urbano em Questão.** São Paulo: Projeto, 1985.

ROMERO, M. **A Arquitetura Bioclimática do Espaço Público.** 1ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SABOYA, R. **Ebenezer Howard e a Cidade Jardim.** Disponível em <
<http://urbanidades.arq.br/2008/10/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>> Acesso em 14 de set. 2016.

WOLF, S, F.S. **Jardim América: Primeiro Bairro-Jardim de São Paulo e Sua Arquitetura.** São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2001.